

O papel da Sociologia do Esporte na retomada da Educação Física

Mauro BETTI

Universidade Estadual Paulista, Brasil

Mesa Redonda
Sociologia do Esporte / Atividade Física e Recreação

As mídias (em especial a televisão), têm exercido, nas últimas duas décadas, decisivo direcionamento de tendências no âmbito cultura corporal de movimento, com importantes repercussões para a Educação Física. Tais tendências foram apontadas por BETTI (1998, 2001): a) polissemia do esporte; b) novas esportivações - fenômeno que tende a assimilar diversas formas da cultura corporal de movimento ao modelo do esporte espetáculo; e c) progressiva clivagem do esporte telespetáculo das demais formas da cultura esportiva, cunhada pelas mídias e pelas grandes corporações econômicas, as quais, cada vez mais, assumem o gerenciamento do esporte como espetáculo televisivo; essa tendência distancia, na sua *forma* (embora não no seu *simbolismo*) o esporte telespetáculo do esporte que busca valores associados ao lazer, à educação e à saúde.

A cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo alargou-se, as práticas se multiplicaram e pulverizaram: ginástica aeróbica, *tai-chi*, musculação, *wind-surf*, hidroginástica, *skate*, capoeira, *street dance*, dança-afro, *rappel* e tantas outras. A denominação “esporte”, sob o patrocínio das mídias (pois é preciso facilitar para o grande público o reconhecimento dos produtos), passou a designar essa diversidade de práticas, as quais já não atendem mais aos critérios clássicos da Sociologia do Esporte que definem o que é esporte: competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde etc. Fala-se em prazer, bem estar, aventura, desafio, natureza, diversão. A Sociologia do Esporte foi subvertida, o fenômeno lingüístico da *polissemia*, ampliou o significado da palavra “esporte”, nos termos de RICOEUR (1987, p. 60): “Porque temos mais idéias do que palavras para as expressar, temos que alargar o significado que a elas atribuímos no senso comum”.

Não obstante o alargamento de sentido conferido à expressão “esporte”, assistimos hoje à progressiva clivagem do esporte profissional das demais formas da cultura esportiva, cunhada pelas mídias e pelas grandes corporações econômicas. Para EICHEBERG (1995) o esporte de alto rendimento, de elite, que há muito tempo representa o topo ideal da pirâmide esportiva, está se modificando, da produção de resultados individuais para um “circo midiático”. As qualidades visuais do esporte, e não mais a produção de resultados, é que concentram a atenção da mídia televisada; em decorrência, estariam a se separar os caminhos do esporte moderno clássico e do “circo esportivo”.

O esporte espetáculo é trabalho e *show*; o atleta é um trabalhador-artista, sujeito a doenças ocupacionais e desemprego, como qualquer outro. O esporte é, hoje, campo de atuação de “marketeiros”, empresários, executivos das grandes redes de

televisão. Cada vez mais distancia-se aquela forma que já foi sucessivamente denominada de “esporte de alto nível”, “esporte de alto rendimento”, “esporte espetáculo” e “esporte telespetáculo” (BETTI, 1998) do esporte praticado em busca de valores associados ao lazer, educação e promoção da saúde.

Como o esporte (no sentido restrito) é a forma hegemônica da cultura corporal de movimento contemporânea, é, portanto, muito popular em vários grupos sociais. Similarmente, a popularidade de algumas modalidades esportivas na escola (futebol, vôleibol), faz com que os alunos resistam às tentativas de incluir outros conteúdos. Antes de ver tais fatos apenas como problemas, é preciso reconhecer a solução que já contém: por exemplo, as diversas e criativas formas de jogar futebol presentes na cultura infanto-juvenil precisariam ser investigadas. Até que ponto estariam presentes os princípios do selecionamento e sobrepujança (KUNZ, 1991), submissão a regras universais e predeterminadas etc.? Aquelas formas poderiam ser transferidas para outros conteúdos?

O *simbolismo* presente no esporte precisaria também ser considerado. O esporte pode ser analisado sob uma perspectiva semiótica, para a qual o homem liga-se ao mundo por intermédio de signos e símbolos. Nesse entendimento, para KRAWCZYK (1996), a significação do esporte contemporâneo expressa o desejo da sociedade industrial por competir, alcançar a perfeição, a fama individual e a riqueza, satisfaz o desejo de uma rápida mobilidade social, de superar barreiras biológicas e culturais e abolir as desigualdades étnicas, de gênero e raciais. Mas vai mais além, expressando o desejo por princípios éticos universais e de abandonar, mesmo que por um momento, a insensatez do mundo profano. Tal expressa a dimensão utópica do esporte, o desejo de construir um mundo no qual as relações entre os indivíduos e o grupo existam de acordo com regras definidas clara e justamente. Ora, se esse é o solo fértil sobre o qual também se ergue o imaginário infanto-juvenil acerca do esporte, cabe considerá-lo como ponto de partida (mas não de chegada...), e portanto, poderíamos, à título de exemplo, indagar:

- Seria possível desvincular parcialmente, na sua *forma*, o esporte infantil dos princípios da seleção e rendimento máximo do esporte profissional (por exemplo, adaptando regras), mantendo, contudo, o *simbolismo* do esporte, expresso, por exemplo, pelo uniforme, a terminologia oficial etc., de modo a garantir a inclusão de um grande número de crianças? Que consequências haveria em chamar de “vôleibol”, um jogo de rebater uma bola grande e leve, que permitisse às crianças imitarem os gestos dos jogadores/as de vôleibol que vêem na televisão?

XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa

Nova tendência de redirecionamento da cultura corporal de movimento foi apontada por BETTI (2004): o “confundimento” ou “entrelaçamento” entre os modelos de estética corporal e o modelo do *fitness* (saúde/aptidão física), promovido pelas mídias. Tal tendência poderia levar a um questionamento da tradição da Educação Física. Nesse discurso, as ginásticas e o exercício físico não são associados à saúde ou bem estar, mas a um modelo estético de magreza corporal. Todavia, para o esculpimento desse modelo não basta mais somente o exercício (a “malhação”, a ginástica), nem mesmo conjugado com dieta. Exige também a intervenção cirúrgica - lipoaspiração, cirurgia plástica propriamente dita, próteses de silicone.

Se pensarmos também nos aparelhos de eletroestimulação, que promovem contrações musculares sem movimento (isométricas), não estaria a categoria do exercício - presente na tradição da Educação Física - questionada? Consideremos o trecho de uma propaganda veiculada na televisão sobre um aparelho desse tipo: “*Agora você poderá ficar só deitado ou sentado, e isso vai equivaler a 50 minutos de caminhada ou a 30 minutos de aeróbica, ou 45 minutos de levantamento de peso ou a 35 minutos de bicicleta ou 20 minutos de corrida apenas usando [nome do produto]*”. Tal possibilidade confronta a tradição da Educação Física, de valorizar o exercício, o movimento - o corpo em movimento é o próprio homem na sua totalidade, “rotulada” de bio-psico-social, expressão desgastada, é certo, porém ainda importante se a Educação se pretende “física”, e se a Educação Física se pretende “educação”.

É claro que essa nova tendência exige uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas corporais (COURTINE, 1995). Um novo mercado comercial do corpo está em expansão. Novos espaços e estratégias de oferecimento da musculação, dança, exercícios terapêuticos, artes marciais, aeróbica e outras práticas modificaram o tradicional sistema de clubes. Tal não é apenas uma inovação no nível econômico e organizacional, mas representa uma mudança substantiva na cultura corporal de movimento contemporânea (EICHEBERG, 1995).

Mas são os *aparelhos de eletroestimulação* o dado inovador que encontramos. E por quê? Em primeiro lugar, porque se configuram como uma *nova panóplia corretora*, para usar a expressão de VIGARELLO (1995) agora, porém, não mais mecânica (espartilhos, eixos e cruzes de ferro fixados sobre o corpo), mas eletrônica, que também pretende garantir a forma por intermédio do hábito, promovendo estimulações *de fora para dentro*. Contudo, na medida em que provocam contrações musculares os aparelhos elétricos estimulam também *de dentro para fora*, ou seja, invocam, tal como as ginásticas, os poderes de adaptabilidade do corpo (hipertrofia muscular, aumento do tônus, queima de calorias etc.).

Isso é novo não apenas porque propõe uma exercitação muscular sem movimento (a contração isométrica já é bem conhecida na Educação Física), mas porque não mobiliza a participação voluntária do sujeito na ativação muscular. Tal proposição contrasta com a concepção de Educação Física para a qual o “corpo em movimento” é o “homem em movimento”, mobilizando potenciais físicos-motores, afetivos, cognitivos. A tradição da Educação Física fica questionada.

Por outro lado, como aponta EICHEBERG (1995), todas essas mudanças não ocorrem sem contradições. Se a prática do esporte espetáculo distancia-se de muitos de nós, favorece-se o surgimento de “novos estilos de vida”. Se o esporte telespetáculo, marcado por um padrão de tempo “aerodinâmico” (velocidade, parada, espera, tensão) tornou-se um campo de *stress*, isto é, de um “tempo doentio”, em contraste, muitas das novas e alternativas práticas corporais caracterizam-se por uma “nova vagarosidade” - e aqui basta lembrar da crescente popularidade da *yoga* e do *tai-chi*. Novos movimentos culturais alternativos têm surgido, freqüentemente em oposição crítica ao esporte clássico (jogos regionais com bola, práticas corporais orientais, atividades terapêuticas bioenergéticas, esportes na natureza): caracteriza-se um “esporte não-esportivo”. No Brasil, o caso da capoeira, com suas múltiplas possibilidades, parece ser particularmente interessante e ainda pouco pesquisado pela Sociologia do Esporte. Também os esportes radicais, associados à virtualização dos corpos (LÉVY, 1996), à natureza, à aventura e ao risco, objetos de crescente atenção das mídias, por permitirem a maximização da espetacularização do esporte (BETTI, 1999), são hoje desafio para o pensar sociológico.

Caberia também falar, nos termos de MERLEAU-PONTY (2000), na *ambigüidade* do esporte, se o pensarmos como um *campo fenomenal*, no qual as diversas manifestações do esporte (rendimento, lazer, educação etc.) formam uma comunidade, e portanto não podemos ter a ilusão de que apenas um modo de aparecimento do esporte possa esgotar suas possibilidades de manifestação. Assim, por exemplo, no contexto (visível) do esporte escolar, estão co-presentes (invisíveis) o esporte telespetáculo, o esporte de lazer etc.

Como poderemos, diante, desse panorama, encontrar novos sentidos para a tarefa profissional-pedagógica da Educação Física? A disseminação de informações e sentidos sobre a cultura corporal de movimento por parte das mídias talvez não mais permita que os profissionais da Educação Física se coloquem como intermediários que *controlam* os estímulos, pois estes agora são desencadeados em grande parte pelo “mercado do corpo”, atingindo diretamente os “consumidores”, os quais ditariam os sentidos e valores das práticas corporais. Contudo, para que se não se submetam irrestritamente aos interesses deste mercado (o que implicaria perder para sempre a Educação Física tal como a conhecemos a partir da sua moderna tradição), poderíamos conceber os profissionais da Educação Física como *mediadores* que se interpõem entre a cultura corporal de movimento dos nossos tempos e os interessados na exercitação sistemática e intencional da motricidade, auxiliando-os a realizar uma leitura crítica daquela cultura e das suas próprias motricidades.

O desafio para os sociólogos é compreender as dinâmicas sociais, políticas, econômicas, culturais, que subjazem ao fenômeno, com base nas teorias e metodologias da ciência sociológica; com base, enfim, na sua tradição disciplinar. O desafio para os pesquisadores e profissionais que militam na

Educação Física é apropriar-se crítica e criativamente dessas teorias, a fim de melhor perscrutar as possibilidades de *interlocução* com os sujeitos que jogam, dançam, competem, em *locus* específicos (escolas,

clubes, academias etc.), os quais, por sua vez, encontram-se conectados a dinâmicas socioculturais mais amplas, conexões estas que também a Sociologia poderá ajudar a compreender melhor.

Referências

- BETTI, M. **A janela de vidro**; esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. **Conexões**: Educação, Esporte, Lazer, n.3, p.74-91,1999.
- _____. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y.M.; RUBIO, K. (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.155-69.
- _____. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo. **LecturasEducación Física y Deportes** (Revista Digital), Buenos Aires, v. 10, n. 79, p. 1-9, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79>>.
- COURTINE, J.J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D.B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.
- EICHBERG, H., Problems and future research in sports sociology: a revolution of body culture. **Internat. Rev. for the Soc. of Sport**, v.30, p.1-19, 1995.
- KRAWCZYK, Z. Sport as symbol. **Internat. Rev. for the Soc. of Sport**, v.31, p. 429-37, 1996.
- KUNZ, E. **Educação física**: ensino & mudanças. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.
- LÈVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1987
- VIGARELLO, G. Panólias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D.B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.21-38.